

## **MRS. DALLOWAY E AS HORAS: NARRATIVAS INTERCRUZADAS**

**FERREIRA**, Rejane de Souza<sup>1</sup>, **SANTANA**, Jorge Alves<sup>2</sup>

Palavras-chave: narrativa, hipertexto, influência, recriação

### **1. INTRODUÇÃO** (justificativa e objetivos)

A intenção deste trabalho justifica-se pela impossibilidade de ignorar a grande importância da narrativa durante o século XX. Para tanto, foram escolhidas duas obras para a contribuição da análise narrativa desse período, uma do início do século, *Mrs. Dalloway* (escrita por Virgínia Woolf e publicada pela primeira vez em 1925), e outra do final do século, *As horas* (escrita por Michael Cunningham, com a primeira publicação de 1998). A partir desses dois romances pretende-se averiguar as estratégias narrativas utilizadas por ambos autores, bem como as influências e as angústias sofridas e causadas por Michael Cunningham diante do hipotexto de Virginia Woolf. De acordo com Gérard Genette (1982) entende-se por hipotexto o texto de partida (nesse caso, *Mrs. Dalloway*) e por hipertexto o texto de chegada (*As horas*). A comunicação entre esses dois tipos de texto faz parte do reflexo da influência sofrida pelo poeta mais novo (efebo) a partir do poeta mais velho (prógono) em busca de uma poesia livre. Segundo Harold Bloom (1991) os efebos fortes lutam com persistência para combater os prógonos também fortes que de alguma forma os influenciaram. Essa luta ocorre devido à angústia (anxiety) e à dificuldade de se admitir influenciado por alguém, dessa forma, o efebo tenta não repetir seu precursor e até mesmo superá-lo. No caso de Cunningham, verificam-se influências propositais, visto que ele não somente utiliza as personagens woolfianas, como também explora suas histórias e ressuscita a temática feminina abordada pela escritora inglesa. E é por causa da realidade da mulher frente à sociedade apresentada nas duas obras de análise que esse estudo também se vê na necessidade de se apoiar ao discurso de gênero.

### **2. METODOLOGIA**

Para se analisar *Mrs. Dalloway* e *As horas* e apontar uma vertente explicativa para a narrativa dessas obras, tal como o autor do último título recriou a discussão feminina do primeiro, os estudos se efetuarão por meio de pesquisas bibliográficas, mas se necessário serão utilizadas também as vias *on line* e fílmica.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Por ser uma pesquisa que está em andamento, ainda não se pode ter resultados aparentes. Todavia, é possível apresentar três aspectos consideráveis desse estudo.

#### 3.1 - Primeiro aspecto: revitalização do romance *Mrs. Dalloway* (1980) através de *As horas* (2003)

De acordo com Georg Lukács [196\_?] quando uma obra se baseia em outra acaba sempre ressuscitando a obra precursora, uma vez que quem conhece o trabalho mais novo muitas vezes é tentado, ainda que seja por mera curiosidade, a conhecer o trabalho anterior. Isso não é diferente com Michael Cunningham, escritor de *As horas*. Ao ter seu livro como o primeiro da lista dos mais vendidos, após receber o prêmio

Pulitzer, Cunningham acabou reagindo o mercado de sua precursora Virginia Woolf e logo *Mrs. Dalloway* estava quase tão vendido quanto o próprio livro de Cunningham. Sem falar que quando o livro do autor norte-americano foi adaptado para o cinema por Stephen Daldry, poucos anos depois, mais uma vez os livros de Cunningham e de Woolf voltaram para a lista dos mais vendidos.

### 3.2 – Segundo aspecto: as influências sofridas e causadas por Michael Cunningham tanto em *As horas* como em *Mrs. Dalloway*

Com base em Harold Bloom (1991), pode-se perceber que os escritores fortes sentem-se angustiados por ter sofrido influências de outros escritores também fortes, porém, predecessores. Bloom (1991) classificou as angústias dos poetas novos (efebos) em seis razões revisionárias, dessas interessam para essa análise apenas duas: askesis e apophrades. Na primeira, o efebo subestima seus talentos e os talentos de seu precursor; na segunda, o efebo é tão bem sucedido com seu novo poema que chega a parecer que ele antecede seu precursor. Dá-se a impressão que tanto a obra do poeta mais recente quanto a do poeta mais velho foram escritas apenas pelo mais novo. Ao observar a originalidade com que Michel Cunningham intertextualiza as personagens de *As horas* e a maneira com que ele articula cada detalhe de *Mrs. Dalloway* percebe-se que as taxonomias askesis e apophrades são coerentes ao vencedor do prêmio Pulitzer.

### 3.3 – Terceiro aspecto: a capacidade do autor masculino escrever convincentemente sobre mulheres

No início da crítica feminista era inconcebível a um homem tratar com perfeição os aspectos femininos. Virginia Woolf (1985) muitas vezes se mostrou irritada com os autores que fizeram essa tentativa e Simone de Beauvoir [198\_?] declara as mulheres as mais certas para falar de si mesmas. Contrapondo-se o ponto de vista inicial do feminismo, Judith Butler (2003) acredita que tanto sexo como gênero são conceitos construídos culturalmente, assim, não existem “homens” ou “mulheres”, existem pessoas que vão atuar de maneira mais “feminina” ou mais “masculina” de acordo com as circunstâncias em que se encontram. No que diz respeito a essa contraposição é importante dizer que não existe uma crítica feminista mais correta que a outra, mas sim que houve a evolução do feminismo de forma que cada crítica consegue responder melhor à sua época. Nessas circunstâncias, a contemporaneidade de Michael Cunningham com Butler o favorece no que corresponde à construção das personagens femininas de *As horas*.

## **4. CONCLUSÃO**

Como dito no item anterior, por se tratar de uma pesquisa em andamento não é possível ter nenhuma conclusão ainda. Mas, pode-se adiantar que o resultado final dessa pesquisa será uma vertente possível para o estudo das narrativas de *Mrs. Dalloway* e de *As horas*, visto que essa pesquisa não pretende se prender a nenhum laço positivista. Dessa forma, a análise a ser apresentada desses romances está longe de se julgar a única análise narrativa possível das grandes obras primas de Virginia Woolf e Michael Cunningham.

## **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AS HORAS. Produção de Scott Rudin e Robert Fox. EUA: Miramax Films, 2002. DVD (115 min) son, color.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, [198-?].

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria de poesia*. Tradução e apresentação de Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

CUNNINGHAM, Michael. *As horas*. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REUTER, YVES. *Introdução a análise do romance*. Tradução de Ângela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestes: littérature au second degré*. Paris: Éditions du seuil, 1982.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Biblioteca de Ciências Humanas/Editorial Presença, [196-?].

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

\_\_\_\_\_. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

#### **FONTE DE FINANCIAMENTO – CAPES**

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras e Linguística. Faculdade de Letras, rej\_ferreira@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Orientador/Faculdade de Letras/UFG, santana1@brturbo.com.br